

# A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JORNALISTA. A PRÁTICA DA CIDADANIA NO CANTAGALO

## THE COMMUNITY COMMUNICATION IN THE FORMATION OF JOURNALIST. THE CITIZENSHIP EXPERIENCE IN CANTAGALO

Michele Cruz Vieira<sup>1</sup>  
Renata Luzia Feital de Oliveira<sup>2</sup>

*Recebido em 12/01/2024*

*Aprovado em 02/02/2024*

---

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da Comunicação Comunitária na formação profissional do jornalista. Nesse sentido, faz-se necessário uma breve discussão sobre a situação da comunicação comunitária no Brasil na contemporaneidade e sua relação com a cidadania. Além disso, apresenta um panorama sobre a disciplina de Comunicação Comunitária/Jornalismo Comunitário nos cursos de Jornalismo de universidades privadas e o desafio apresentado em vivenciar uma experiência in loco. Por fim, analisa a prática de alunos da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro, que foram discutir as técnicas da reportagem com moradores de um projeto no Morro do Cantagalo em Copacabana. A metodologia utilizada foi a revisão literária e a observação participante.

**Palavras-chave:** Comunicação Comunitária; Jornalismo; ensino de Jornalismo; cidadania; a prática da reportagem

### ABSTRACT

This work aims to discuss the importance of Community Communication in the professional training of journalists. In this sense, a brief discussion about the situation of community communication in Brazil today and its relationship with citizenship is necessary. In addition, it presents an overview of the subject of Community Communication in Journalism courses at private universities and the challenge presented by living an experience in loco. Finally, it analyzes the practice of students at the Veiga de Almeida University in Rio de Janeiro, who went to discuss reporting techniques with residents of a project in Morro do Cantagalo in Copacabana. The methodology used was literary review and participant observation.

**Keywords:** Community Communication; Journalism; Journalism teaching; citizenship; the practice of reporting

### INTRODUÇÃO

As iniciativas de jornalismo comunitário atuam no sentido de fazer circular a voz de grupos e pessoas que até então se encontram excluídos do processo informacional. Além disso, elas podem contribuir para ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania de residentes de bairros periféricos, como também promover o

---

<sup>1</sup> Jornalista e historiadora, Mestre e Doutora em Comunicação pela UFF. Professora da Universidade Veiga de Almeida e da Faculdade Helio Alonso (Facha). E-mail: cruzvieiramichele@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista, Socióloga, Mestre em Sociologia e Doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Coordenadora e Professora de Jornalismo na Universidade Veiga de Almeida- Campus Barra. Professora no curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá. E-mail: rlfeital@gmail.com

desenvolvimento local e fazer com que seus moradores possam construir uma representação de si próprios positiva – diferentemente da estabelecida pela grande mídia, que os retrata, em linhas gerais, como marginais, e seus territórios, como precursores da violência urbana.

Nos currículos de Jornalismo encontra-se a disciplina de Comunicação Comunitária ou Jornalismo Comunitário, que tem a missão de mostrar aos estudantes, que nas comunidades periféricas, a informação não-hegemônica também circula por meios independentes dos interesses econômicos e políticos e atinge a população daquele espaço social. Na maioria das vezes planejada, produzida e publicada por pessoas da própria comunidade, esses pequenos veículos cresceram com o apoio da tecnologia e ganharam outros territórios.

O objetivo desse artigo, além de discutir as bases da comunicação comunitária e a sua relação com a educação, foi mostrar uma iniciativa de intercâmbio de saberes entre a universidade e a favela do Cantagalo. A oportunidade de poder observar e participar de um projeto de comunicação comunitária veio com o Viva Rio que, por meio de uma parceria com a Universidade Veiga de Almeida – RJ, permitiu que os alunos da disciplina de Jornalismo Comunitário pudessem organizar uma oficina de Jornalismo para os participantes do projeto, denominados de comunicadores locais e interessados em dominar o fazer jornalístico para atuarem organizando o fluxo de comunicação nas favelas do entorno. As aulas aconteceram na sede do Viva Rio no Cantagalo. As últimas aulas foram ministradas na sede da universidade no Campus Barra.<sup>3</sup>

## AS BASES DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO BRASIL

A bases da comunicação comunitária, especialmente um novo sentimento de cidadania, que afetou o senso do coletivo, começaram a ser sentidas no pós- Guerra Fria, quando há o processo de aceleração da Globalização (PISNKY & PINSKY, 2003). É um momento de mudanças que apontam para uma nova ordem mundial, quando os problemas de um país não serão mais resolvidos apenas pela ação do Estado ou do mercado. As organizações não-governamentais, as igrejas, os movimentos profissionais atuam como uma válvula de escape nas deficiências do Estado e do mercado e defenderão os interesses do cidadão junto à justiça e ao congresso.

O Estado-nação perde seu poder, efeito da globalização, a qual traz a crise das democracias liberais. Instituições democráticas tradicionais perdem sua identidade e, dessa forma, cresce a esperança nos movimentos sociais para desenvolver novas formas de identidade e democracia. (CASTELLS, 1999)

---

<sup>3</sup> Gostaríamos de deixar um agradecimento especial ao Prof. Anderson Barreto que esteve presente em todas as aulas e ajudou na condução de aulas teóricas e práticas tanto na Barra quanto no Cantagalo.

Na sociedade globalizada, a informação é um elemento central de mediação das práticas sociais. Castells (1999) aponta que vivemos hoje no que se chama Sociedade da Informação, em que a produção e a distribuição de informação é uma atividade econômica e a aplicação do conhecimento melhora a produtividade e a qualidade de outros bens e serviços. Neste panorama mundial, informação é recurso de poder e pode ser um meio que leva ao exercício da cidadania à medida que possibilita ao indivíduo compreender a dimensão dessa mudança e oferece os meios de ação individual e coletiva de auto ajustamento.

Para a construção da cidadania é necessário garantir ao indivíduo o acesso à educação e à informação. Nesse momento em que ondas de mudanças revolucionam as relações humanas, em todos os seus aspectos, fazendo emergir uma nova ordem social, devemos realizar reflexões a respeito dos novos papéis sociais que se delineiam para os novos atores globais, dentre eles, as mídias

Na Globalização existe um movimento pela legitimação da cidadania e a democracia que vai favorecer o desenvolvimento da comunicação comunitária. Muitas vezes isso ocorre devido a intenções pessoais dos atores envolvidos no processo de comunicação comunitária, que se utilizam do canal em benefício próprio. (CARVALHAL, 2007)

[a comunicação] está inevitavelmente ligada ao sucesso, à eficácia ou à ineficácia, das teorias da formação social como um todo, porque é neste contexto que deve ser teorizado o lugar da comunicação no mundo social moderno [...] a comunicação moderna não pode ser conceituada como externa ao campo das estruturas e práticas sociais porque [a comunicação] é, cada vez mais, internamente constitutiva delas. Hoje, as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a construir o político; elas medeiam às relações econômicas produtivas; elas se tornaram 'uma força material' nos modernos sistemas industriais; elas definem a própria tecnologia; [e] elas dominam o cultural" (HALL, 1989, p. 43 *apud* CARVALHAL, p. 9)

A aceleração da comunicação comunitária no Brasil se dá a partir do período pós-ditadura militar, quando existe um movimento das mídias para a abertura de vozes do povo e de valorização do cidadão. São criadas as primeiras colunas de defesa do consumidor, fazendo com que a o jornalismo assuma o papel de mediador e de interventor na sociedade. (ABREU, 2003)

Dessa forma, com o fortalecimento dos movimentos sociais, que a partir de então ganham cada vez mais visibilidade na esfera pública, além do questionamento do monopólio das mídias, cresce o movimento de implementar nas comunidades as práticas dos usos das mídias para a construção da cidadania.

Para isso, então, torna-se necessário a presença constante dos profissionais de comunicação nas mídias comunitárias, fazendo com que a proposta de uma nova comunicação seja efetivamente instaurada na comunidade, e que ao menos a maioria da população possa ser privilegiada não somente através do auxílio em

problemas individuais, mas sim, colaborando com as necessidades da localidade em geral. (CARVALHAL, 2007, p. 10)

De acordo com Carvalheiro e Iser (s/d), a comunicação comunitária no Brasil é construída a partir da mobilização coletiva da comunidade, que reivindicam, a partir dos usos que fazem das mídias, melhorias para seu próprio grupo. Dessa forma, podem levantar debates de temas importantes e assim comunicar assuntos de seu interesse, especialmente a partir das tecnologias, que facilitam o desenvolvimento de veículos de comunicação.

No Brasil, a partir da década de 1980, com a estruturação dos movimentos sociais, novas iniciativas nesta área surgiram, na medida em que se pode produzir com baixo ou nenhum custo um veículo para ser consumido na comunidade específica. Mas o desenvolvimento desse tipo de comunicação não depende primeiramente de fatores tecnológicos ou estruturais e, sim, de mobilização social. E é aí que reside o maior desafio: um grupo social ter interesse e iniciativa em desenvolver sua própria comunicação. (CAVALHEIRO E ISER, s/d)

## COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A EDUCAÇÃO

Em um quadro de economia globalizada e da sociedade organizada a partir do paradigma do conhecimento, o fator educação assume papel fundamental nesse processo. É a educação que viabiliza o projeto da sociedade do conhecimento e operacionaliza a formação e o exercício da cidadania. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social. (PISNKY & PINSKY, 2003).

A partir da comunicação social, produzida pela prática da comunicação comunitária, os indivíduos desenvolvem novas formas de sociabilidade novas formas de se comunicar, tornando-se participantes das próprias experiências e dos próprios desejos. Dessa forma, adquirem politicidade, que é um conjunto de relações que o indivíduo tem com os outros. (PISNKY & PINSKY, 2003).

Com o auxílio das tecnologias, a informação toma lugar de destaque no cenário mundial. Os indivíduos tornam-se novos agentes na vida pública e adquirem o estatuto de cidadão global, o cidadão do mundo, que faz parte de redes interligadas a grandes temas como ecologia, justiça e democracia.

Neste contexto, a comunicação comunitária foi sendo incorporada por esferas da sociedade civil que assumiram o papel de propagar a sua prática. Algumas entidades ligadas à filantropia, à Igreja Católica, as quais muitas vezes têm elos com empresas, onde é de praxe grandes fortunas resultarem em fundações de cunho assistencial ou cultural. Movimentos sindicais e organizações estudantis também

tiveram seu papel histórico na disseminação da comunicação popular. Grupos ligados a questões específicas: mulheres, povos indígenas, negros e homossexuais, a partir da década de 1970, assumem a função de discutir e debater os novos temas globais.

Após quase 30 anos de regime militar, o renascimento da vida pública no Brasil foi uma árdua conquista. A volta ao Estado de Direito foi marcada por um despertar da sociedade brasileira para as grandes questões nacionais. Um exemplo foram as Eleições Diretas que reafirmam o direito do cidadão – jovens, povos indígenas e analfabetos ganharam o direito de voto.

Em meados da década de 80 surgiram movimentos ecológicos e movimento da defesa do consumidor. Ambos resultariam na criação de novas leis, como o Código do Consumidor Nos anos seguintes, especialmente com a epidemia de Aids, surge a mobilização de uma rede internacional de ativistas, que realizaram campanhas de prevenção e combate ao preconceito.

A Redemocratização do Brasil coincidiu com a expansão do neoliberalismo. Falência do projeto socialista colocou em xeque as questões da esquerda, que até então conduzira boa parte das reivindicações dos movimentos sociais. A utopia não encontrou mais sustentação no ideário socialista e proliferaram-se as associações voluntárias. Contestação do discurso hegemônico começou a se dar no âmbito dos “direitos humanos” universais, a luta social perdeu o enfoque capital-trabalho e vinculou-se às questões da cidadania. (PISNKY & PINSKY, 2003).

Neste contexto, na passagem dos anos 80 para os 90, surgem no Brasil entidades voltadas para questões de interesse público, capazes de reformular projetos, monitorar sua execução e prestar contas de suas finanças: as Ongs. Tais entidades encontram na cooperação internacional o veículo adequado para financiar seus projetos. Ongs nascem dentro de circuitos de cooperação global e muitas assumirão os projetos de concretização da comunicação comunitária no Brasil.

As empresas privadas, a partir do lema da responsabilidade social, também assumirão as práticas de comunicação comunitária em nome da ética de sua atuação na sociedade. Escolas e universidades também assumiram este papel de promover a comunicação comunitária. De acordo com Peruzzo (s/d),

a educação se constitui universalmente "pelo fato de que em todas as sociedades - das comunidades tribais às complexas sociedades urbano - industriais - é necessário garantir não apenas a continuidade biológica, mas, igualmente, a transmissão das normas, dos valores, dos símbolos e das crenças, enfim, da estrutura intermental sem a qual nenhuma sociedade pode funcionar" (Vila Nova, 1995 p.158). Educação significa educar para a sociedade. É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social. É também educar para a convivência social e a cidadania, para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão. Como diz o professor Sergio Luiz do Amaral Moretti (1999, p.60), a escola além de dedicar-se a ensinar os saberes científicos e a habilitar pessoas para a vida profissional, deve ter um objetivo maior, o de preparar as pessoas para o exercício de seus direitos.

Dos direitos humanos, direitos de cidadão, ou seja, direitos civis, sociais e políticos. Contudo, apesar da escola ser um espaço privilegiado para tal fim, a preparação para exercício da cidadania não se aprende só nas carteiras da sala de aula. Várias instituições compartilham de tal processo formativo, entre elas a família, os meios de comunicação de massa, a igreja, o sindicato, os movimentos sociais e as OGNs - Organizações não governamentais etc, além das demais relações sociais a que o indivíduo participa na vida cotidiana. (Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/48.pdf>)

Como disciplina obrigatória no currículo do curso de Jornalismo, a Comunicação Comunitária permite uma reflexão crítica sobre as questões revisitadas nesse artigo sobre cidadania, globalização, educação, minorias sociais, periferia e muitas outras. Além disso, o conteúdo reafirma a correlação entre movimentos sociais e comunicação comunitária. Ela permite um encontro entre os saberes produzidos na universidade com os saberes organizados dos coletivos e da favela.

## O ENCONTRO DOS SABERES: UNIVERSIDADE E FAVELA

A barreira entre o conhecimento erudito e popular, que desde inícios do século XX já vinha sendo derrubada com o movimento modernista que atingiu as artes no Brasil, tornou-se mais evidente nos anos 1970 com as reflexões dos teóricos dos Estudos Culturais. (CEVASCO, 2003)

A partir dos anos de 1970, com a emergência de subculturas que resistiam à estrutura dominante, como o Feminismo, o Racismo, e trouxeram questões em torno do subjetivo e do sujeito, questionamentos em torno do conhecimento legítimo vieram à tona. Produtores e consumidores de conhecimento não se achavam mais apenas na esfera do erudito e o popular vinha como algo a ser reconhecido culturalmente. Além disso, a ideia de cultura como prática, como algo vivido, também trazia novos ares para o pensamento até então do que se considerava legítimo culturalmente. Os Meios de comunicação de massa, nesse sentido, serão um foco de observação, já que são o foco da manifestação da cultura popular.

Os Estudos Culturais questionam as hierarquias entre formas e práticas culturais, como alta e baixa cultura e cultura inferior e superior. Possuem a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias por parte da chamada alta cultura. Trazem um conceito expandido de cultura, levando a um descentramento da legitimidade cultural. Para os Estudos Culturais, a cultura representa intervenções ativas expressas por discursos e representações que produzem sentidos culturais.

O encontro entre a favela e a universidade promove a circularidade cultural e o encontro dos repertórios culturais que poderão ser compartilhados a partir da prática da comunicação comunitária, a qual será capaz de atribuir sentido à realidade cotidiana e se transformar em um elemento dinamizador de culturas.

## TROCANDO A SALA DE AULA PELAS VIELAS DO CANTAGALO. RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Discutir comunicação comunitária com alunos da Universidade Veiga de Almeida no Campus Barra foi um desafio para nós professoras. Os alunos de Publicidade do campus Tijuca tiveram a oportunidade de planejar uma campanha, cujo cliente era uma igreja que fazia trabalhos voluntários no Lixão de Gramacho. A ideia era organizar as bases de uma grande campanha e angariar material escolar para a escolinha informal situada naquela localidade. O envolvimento de duas turmas foi de tal ordem que eles acabaram desenvolvendo também uma campanha de alimentos.

Nesse sentido, eles foram divididos por setores de uma grande agência, em que o Atendimento entrevistava o cliente, enquanto os criativos visitavam o lixão, para “sentir” o ambiente, conversar com os moradores, conhecer a escolinha e trabalhar o conceito da campanha. O impacto de conhecer de perto aquela comunidade foi tão grande que contagiou vários setores da sociedade, incluindo a Reitoria que nos deu um ônibus de luxo, que partiu da universidade repleto de cestas básicas, material escolar para mais de um ano e mais 44 alunos e alguns pais, a fim de desenvolverem atividades com as crianças na quadra local e tomarem conhecimento de uma realidade até então vista em reportagens pela televisão.

Para além das atividades universitárias, o sucesso dessa empreitada nos levou a pensar o quanto aquela prática aproximou os alunos dos processos democráticos voltados para o cotidiano de comunidades carentes que quase nunca tem acesso às universidades. “Cidadania e solidariedade transformam-se em paradigmas que permitem imaginar uma ordem com objetivos diferentes da premissa econômica universal, esta mesma que pretende instaurar de maneira genérica a globalização” (PAIVA, 2003, p.120).

E foi pensando assim que planejamos a disciplina de Jornalismo Comunitário, no ano seguinte, para os alunos do Campus Barra. O projeto do Viva Rio, em parceria com a universidade, foi a oportunidade que vimos para, mais uma vez, permitir que os alunos vivenciassem uma experiência, colocassem a mão na massa, e verificasse no campo se todos os conceitos sobre jornalismo e cidadania de fato poderiam ser aplicados naquele espaço.

Assim, levamos a proposta para os alunos. Um projeto na favela do Cantagalo permitira que os alunos monitores pudessem compartilhar o conhecimento que adquiriram na universidade com outros integrantes que se candidataram, exatamente pelo desejo de desenvolver um fluxo de comunicação na comunidade. Com a editora responsável pelo jornal comunitário PPG Informativo, os alunos ministrariam cursos, supervisionados pelos professores aos integrantes do projeto. Inicialmente ocuparíamos semanalmente as dependências do Viva Rio na Favela do Cantagalo e

posteriormente, em outra fase do curso, os alunos do programa deveriam ter aulas nas dependências da Universidade no campus Barra da Tijuca. Se já era de praxe que a academia ocupasse morros e favelas para estudar as culturas ali presentes, agora, levaríamos o morro para dentro da universidade. Estabelecer esse diálogo e compartilhamento de ideias e pessoas era o mais esperado por todos nós.

Os alunos encararam a tarefa com certa desconfiança. Os meios de comunicação são taxativos na representação das favelas cariocas em suas pautas cheias de violência e estigma. Nóra e Paiva (2008, p. 20-21) chegaram à conclusão de que “a maioria das matérias que tem a favela como tema, destaca os seus aspectos negativos. De modo geral estes espaços são vistos como territórios da bandidagem e, principalmente, do tráfico de drogas”. Por isso, o medo de entrar numa favela, percorrer suas ruas estreitas, conversar com moradores e acompanhar as rotinas de perto foi um problema que gerou muita discussão e leitura sobre as representações e estigmas da favela.

Deixamos os alunos bem à vontade para que eles pudessem escolher a melhor forma de participar do projeto. Alguns permaneceram na faculdade e fariam a cobertura do evento nas redes sociais do curso. Outros nos acompanharam e puderam desenvolver o trabalho in loco.

A Kombi do Viva Rio nos pegava e nos deixava no alto do morro, já que não era incomum, o elevador que dava acesso direto aos escritórios da ONG no Cantagalo estar quebrado. De certa forma isso foi interessante, pois podíamos ver, já desde a subida, como a favela se organizava. No escritório, conhecemos os vários projetos que lá se encontravam e tomamos posse da sala onde as aulas aconteceriam. Uma vez por semana, por duas horas, durante 3 meses, ocupamos esse espaço e dividimos com 15 alunos, que logo denominamos de “Comunicadores locais”, conhecimentos sobre notícia, reportagem, fizemos reuniões de pautas e descobrimos notícias que os jornais não mostravam e pudemos partilhar debates com pessoas que tinham blogues, sites e queriam trocar com os alunos sobre a melhor forma de organizar os materiais jornalísticos.

“A primeira reunião de pauta eu já levei um susto”, disse a aluna Graziela Andrade, ao ter de organizar as sugestões de cobertura que os alunos apresentaram. “Era muita sugestão, me lembro dos professores terem que quase implorar para que pudéssemos dar uma sugestão em sala e cada um no projeto com 3 pautas, cada uma melhor que a outra. Fiquei impressionada com a facilidade em olhar para a sua comunidade e transformar em notícia o que nós nem conseguimos imaginar.”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Graziela Andrade concedeu entrevista às autoras. Na ocasião, Graziela era monitora da Agência de Notícias UVA Barra e nos acompanhou, dando aula para os participantes e organizando os temas em reuniões de pauta que se traduziram em apurações na comunidade.

As aulas abordaram temas como notícia, reportagem, apuração, texto online, edição de textos e imagem para internet e checagem de informações. À frente do projeto estavam dois professores, a Pró-reitora de Graduação, a coordenadora de curso e a Diretora do campus, que fez questão de nos acompanhar em várias de nossas incursões. Além das aulas teóricas, o programa contava também com saídas pelas ruas do Cantagalo para que pudéssemos fazer entrevistas, olhar o entorno, conversar com pessoas. Infelizmente, as favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo viviam momentos tensos com embates entre traficantes, pontos de drogas conquistados e não era raro todo esse movimento nos alcançar. Da central do Viva Rio, escutávamos tiroteios e as ruas ficavam vazias em plena luz do dia. Alguns alunos nem conseguiam chegar para aula em muitas ocasiões. Não pudemos fazer essas atividades para não comprometer a segurança dos alunos do Projeto e da universidade.

Nossos encontros logo se transformaram em discussões sobre como a comunicação comunitária se apresenta hoje. Ouvimos relatos das responsáveis pelo PPG Informativo e vimos como o envolvimento e auxílio dos moradores das favelas eram importantes para que o jornal pudesse continuar informando os moradores. Por vezes, a editora do PPG Informativo, Ana Muza, nos contou que teve seu trabalho, como jornalista atuante nas favelas, prejudicado por conta de conflitos entre os traficantes. Quando ela anunciou que ficaria um tempo sem divulgar as notícias, a comunidade protestou, já que era o único meio pelo qual muitas pessoas por lá se informavam, além dos classificados que mobilizavam a economia dos empreendedores locais.

As trocas com os participantes do projeto foram inúmeras. Ao mesmo tempo que passávamos um conhecimento mais formalizado sobre o fazer jornalístico, íamos aprendendo sobre o dia a dia na favela, conhecendo um olhar muito atento aos eventos, aos perfis dos moradores, às rotinas de quem acorda cedo e sai da favela e de quem fica no espaço. Foi assim, que vimos uma pauta sobre pipa, em detrimento a toda parafernália tecnológica, nascer nas mãos de um atento repórter que nos contou como a garotada passava horas longe do computador ou dos *smartphones*, se equilibrando nos tetos das casas, empinando seus objetos cultuados de desejo ou correndo atrás deles quando um desavisado era cortado em pleno ar. Uma pauta que a grande imprensa nunca postulou, pois não há espaço quando o sangue, a violência, a morte representam a totalidade desse mesmo cotidiano.

Corrigimos o texto já apurado de uma senhora que escreveu sobre a juventude envolvida com trabalho voluntário com pessoas da terceira idade. A profusão de relatos se materializava em tantas aspas, tantas experiências, que os alunos tinham pena de cortá-los, pois segundo eles, “era um melhor do que o outro”.

Em sala de aula, discutíamos sobre esses assuntos e íamos atualizando os aportes teóricos que apresentam a comunicação comunitária desde a década de 70: jornalistas locais que eram cooptados pela grande imprensa e “vendiam” pautas sobre a favela, meios de comunicação que surgiam e que logo já estavam participando como organizações econômicas por meio de vendas de publicidade, institutos locais que se transformaram em órgãos de pesquisa sobre a favela, moradores que se organizavam em coletivos e que já pensavam em um meio de comunicação mais integrador a fim de atingir a população da localidade. As novas facetas desses movimentos se descortinavam aos nossos olhos e um conhecimento ia se atualizando diante da nossa observação.

“Aquela comunicação comunitária que nós estudamos lá atrás na faculdade já não existe mais”, concluiu o Professor Anderson Barreto, participante do projeto UVA no Cantagalo. “Estar naquele lugar, com aquelas pessoas, me fez entrar em um mundo com narrativas diferentes das que estou acostumado a lidar, histórias de vida plurais, histórias diversas que se encontraram e se tornaram potência e força no jornalismo comunitário. Do ponto de vista de ganho para o aluno significa que estamos formando pessoas não só para a redação, mas para o mundo. Todos nós saímos impactados desse projeto.”<sup>5</sup>

As últimas duas aulas da oficina de jornalismo aconteceram na Universidade. Mais uma vez, a kombi do Viva Rio pôde conduzir os alunos do projeto até o campus Barra e lá abrimos nossos laboratórios para que eles pudessem conhecer a formação acadêmica dos jornalistas que passam pelas universidades. Depois da visita aos laboratórios, nos sentamos em roda e demos início a várias discussões tais como: a falta de acesso ao ensino superior por parte dos moradores das favelas; os saberes produzidos nas universidades e aqueles que se encontram nas favelas; o termo comunidade que não representa o morador de favela; a falta de oportunidades para alunos que se formam em jornalismo diante do mercado estagnado para novas contratações. Além disso, os alunos do projeto puderam gravar um programa para tv, podcast e uma entrevista que foi veiculada nas redes sociais da universidade.

---

<sup>5</sup> O Professor Anderson Barreto concedeu entrevista às autoras, por meio de áudio enviado na rede social Whatsapp.



Integrantes do projeto UVA no Cantagalo visitam as dependências da universidade no Campus Barra.  
(Arquivo Pessoal)



Primeiro dia de encontro com os moradores das favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho no curso de comunicadores locais. (Arquivo Pessoal)



O Professor Anderson Barreto ministrando aula sobre notícia nos impressos na sede do Viva Rio no Cantagalo. (Arquivo pessoal)



Alunos do Projeto e da universidade divididos em grupos e discutindo as pautas comunitárias. (Arquivo Pessoal)

## CONCLUSÃO

A disciplina de Comunicação Comunitária é essencial para o jornalista que recebe uma educação formal. Por meio dela, é possível compreender melhor a questão da educação para a cidadania sobretudo aquela advinda dos processos de envolvimento das pessoas nos meios de comunicação comunitários. Na comunicação comunitária há o exercício da participação direta. Nela se faz possível que os receptores das mensagens dos meios se transformem também em produtores e emissores de todo o processo. Discutir sobre cidadania, responsabilidade civil, democratização dos meios de comunicação são temas obrigatórios na disciplina de Comunicação Comunitária; imagina poder ver tudo isso acontecendo na prática.

Após a oficina de jornalismo com os participantes do projeto UVA no Cantagalo, pudemos perceber que eles não só apreenderam o instrumental básico de conteúdo jornalístico como já foi possível aplicá-lo à realidade da favela. Apreenderam o lugar da notícia no informativo local e o quanto ele pode ser útil ao morador do Cantagalo, que normalmente só aparece como uma visão negativa em reportagens da grande mídia. Além disso, o curso foi importante para que os alunos do projeto pudessem trocar vivências e experiências com os alunos da Universidade Veiga de Almeida do Campus Barra. Pensar criticamente seu espaço geográfico, o sentido de comunidade, de identidade, de pertença e o lugar que a informação tem na vida do morador do Cantagalo foi importante para consolidar noções de cidadania, de direito à informação, de direitos e deveres, além de pensar no coletivo. Além disso, compartilhar e trocar experiências jornalísticas com moradores, os comunicadores locais do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, trouxe uma vivência que texto nenhum sobre jornalismo comunitário poderá transmitir.

Os alunos da universidade conseguiram perceber o quanto os moradores estão sintonizados com o seu entorno. Sugeriram pautas, fizeram associações a outros temas, pensaram de maneira interdisciplinar. O mesmo aconteceu quando as entrevistas foram feitas. Com a presença das editoras do PPG Informativo, os alunos puderam sugerir pautas locais e de abordagem temática relacionada ao particular e de conscientização de sua realidade. Percebemos ainda que as pautas visavam também um olhar mais humano para a favela, como por exemplo: os meninos que deixavam seus smartphones de lado para soltar e correr atrás de pipa nas lajes. As pautas sugeriram também a possibilidade de reforçar as relações de pertencimento ao local, a despeito da violência constante no espaço da favela.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Jornalismo cidadão. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31. 2003, p. 25-40.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: As consequências humanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**: Conflitos multiculturais da Globalização. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1999.

CARVALHAL, Antonio. **Comunicação comunitária**: Uma revisão dos conceitos fundamentais. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. Editora Brasiliense, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALHEIRO, Ariane Rodrigues ; ISER, Fabiana. A comunicação comunitária como alternativa de divulgação de projetos sociais. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Unicruz como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

NÓRA, Gabriela; PAIVA, Raquel. "Comunidade e Humanismo prático: a representação da periferia no Rio de Janeiro". In: **Comunidade e Contrahegemonia**: Rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2008.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade**. Os novos caminhos do social. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2007.

PERUZZO, Cicilia. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, São Paulo, v.4, n.1, p.141-169, 2006.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. Org. **História da Cidadania**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005

